

TEIXEIRA
DE PASCOAES
QUEM SONHA
É UM LAR
ACESO PENSAMENTOS
E MÁXIMAS

António Cândido Franco
[seleção e apresentação]



TEIXEIRA DE PASCOAES
QUEM SONHA É UM LAR ACESO



Porto, 2022
www.officiumlectionis.pt

Seleção e apresentação: António Cândido Franco

1.^a edição: Cosmorama Edições, 2010
2.^a edição: Officium Lectionis, 2022

Imagem da capa: António Areal, *Pascoaes* (1977)
Execução gráfica: Papelmunde
ISBN 978-989-53411-4-6
Depósito legal 495473/22

Edição com o apoio do Ministério da Cultura.

TEIXEIRA
DE PASCOAES
QUEM SONHA
É UM LAR
ACESO PENSAMENTOS
E MÁXIMAS

António Cândido Franco
[selecção e apresentação]

APRESENTAÇÃO

Há dois modos de escrever aforismos: ou por ordem expressa, logo os mostrando, ou de forma secreta, não visível, ocultando-os. Teixeira de Pascoaes é um escritor de aforismos ao segundo modo. Nunca escreveu um livro de aforismos, mas toda a sua obra, do verso à prosa, esconde nos intervalos asserções de pensamento com valor aforístico. Seja num diálogo dramático, seja num poema lírico em verso, seja num romance em prosa, seja ainda em qualquer outro texto mais ou menos identificável, nós deparamos sempre com essa frase explosiva de sentido, lapidada até ao osso, que faz a vez da concisão. O aforismo significa em simultâneo uma suspensão e um arranque, pois nele o pensamento concentra e expande, quer dizer, encontra a sua máxima expressão e ao mesmo tempo o seu esgotamento. É um clímaxe sem regresso e por isso representa na prosa de Pascoaes um momento de explosão e alívio. Sem momentos desses, o ritmo de Pascoaes não seria o que é de maravilha e exepção.

Isso percebeu Mário Cesariny, quando em 1972 seleccionou e organizou um conjunto de pensamentos de Pascoaes, a partir dalguns livros seus, que chamou *Aforismos*. Logo na nota final desse livro – reeditado em 1998 e 2002 sem os desenhos que acompanharam a edição original – Mário Cesariny reconheceu que esteve longe duma *recolha exhaustiva*. Para bem dizer, a selecção de Cesariny pretende ser antes e depois de tudo uma homenagem a Pascoaes numa época em que este era pouco mais que um poeta a cair no esquecimento – morrera havia vinte anos – e na incompreensão. Trata-se duma recolha de cerca de cento e setenta aforismos, incidindo sobre nove livros do autor, que publicou em vida mais de sessenta. O opúsculo de Cesariny, com pouco mais de trinta páginas, veio porém mostrar que Pascoaes era um escritor de aforismos, com um pensamento vivo, surpreendente e original, ainda que assistemático, e que estava por fazer um trabalho de recolha mais vasto que nos pudesse apresentar as linhas mestras dessa meditação, pondo em relevo a sua importância e desfazendo os equívocos que já nessa altura se estabeleciam em torno de alguns dos seus artigos.

Foi esse trabalho – tão-só um exemplo – que agora me propus fazer. Alarguei muito a selecção; abri capítulos subordinados a assuntos que foram surgindo como representativos; entifiquei as citações para que o leitor pudesse conferir e enquadrar o extracto no corpo do texto de origem. O resultado é que se multiplicaram quase por dez os aforismos colhidos pelo autor de *Pena Capital* – poucos ou raros se repetindo do trabalho de Cesariny para o meu – e se identificaram, creio que para sempre, através

da importância e da regularidade com que aparecem plasmadas em discurso, algumas das matérias representativas da meditação de Pascoaes.

Ainda assim a minha selecção, que pretende revelar aspectos essenciais do pensamento de Pascoaes, espalhando-se por doze matérias, está longe daquela *recolha exaustiva* de que fala Mário Cesariny. Basta dizer que da quantiosa obra que Teixeira de Pascoaes publicou em vida apenas usei dezasete livros, pouco mais de vinte e cinco por cento do conjunto. Em meu abono, digo tão-só que tomei por centro (quase) exclusivo da pesquisa dois núcleos maiores: primeiro, a prosa doutrinal da época da Renascença Portuguesa, que vai dos primeiros textos publicados no arranque da revista *A Águia*, em 1910, até ao livro *Os Poetas Lusíadas* (1919); depois, o caudal hagio-biográfico que começa no *São Paulo* (1934) e termina no *Santo Agostinho* (1945), e onde incluo livros como *O Homem Universal* (1937) ou *Duplo Passeio* (1942).

Ficaram porém de fora, à espera dum futuro compilador, livros tão representativos como estes. Estou a pensar sobretudo nos dois romances finais – *O Empecido* (1950) e *Dois Jornalistas* (1951) – e no livro de memórias, *Uma Fábula (o advogado e o poeta)*, publicado postumamente, em 1978, que constituem um riquíssimo viveiro de máximas. É provável que os dois romances que o autor deixou inéditos – *O Senhor Fulano e O Anjo e a Bruxa* – e que pertencem ao mesmo período, mas que não conheço na íntegra, possam ser acrescentados a este núcleo. No fundo, esses livros, escritos nos derradeiros anos de vida do autor, poliram e aperfeiçoaram o ritmo próprio da prosa narrativa de Pascoaes – cujas fontes próximas são Camilo e Oliveira Martins – e que se caracteriza por aquele *clímax* sem regresso de que atrás falei e que logo se detecta nos primeiros textos em prosa que Pascoaes deu à estampa no quadro das campanhas doutrinárias da Renascença Portuguesa.

Nestes derradeiros livros, como de resto acontece nos imediatamente anteriores, o aforismo tanto serve a concentração ou mesmo a explosão do pensamento como o alívio ou a suspensão da acção narrativa, mostrando-se um diamante polido, de grande valia na linha melódica do texto. No seu conjunto, o texto de Pascoaes, devido a estes lapidados enxertos aforísticos, parece desenvolver-se num ritmo circular e espiralado, idêntico ao evoluir do canto do *fado*, distendido por momentos de expiração longa e cortado por outros de inspiração cortante e explosiva.

Deixo aqui três ou quatro exemplos fulgurantes que dizem respeito aos derradeiros textos e que podem constituir o ponto de partida dum futuro pesquisador. Talvez o texto onde a tensão entre a explosão e o alívio, a inspiração e a expiração, atinja a sua máxima gradação seja *Dois Jornalistas*, o último livro que Pascoaes publicou, salvante duas separatas e uma folha com um soneto inédito, e que pode ser lido como um *romance*

aforístico. Veja-se por exemplo este desabafo (cap. XVI): *Deus nos guarde da seriedade absoluta, essa fisionomia eclesiástica, toda em estilo fúnebre! Temos de introduzir uma certa dose de blague ou de leveza alegre nas cousas graves. E eis o que as torna assimiláveis, e, portanto, suportáveis. Um drama sem farsa é intolerável...* E esta definição de Deus (cap. XI): *Deus é uma caricatura de Satã, exagerado apenas nas suas qualidades. E tão exagerado, que os seus defeitos desaparecem nas suas qualidades.* E que dizer desta deflagração (cap. XV): *Uma ideia quanto mais antiga, mais moderna. A pintura modernista é contemporânea de Sesótris. O futuro é o regresso ao passado.* E por fim esta ontologia (cap. VII), com tanto de brincão como de sério: *Somos o ser e o não ser, sim e não, não e sim, um troca-tintas, como aquele que chamou Cesário Amarelo ao Cesário Verde.*

Não obstante o que fica dito, seria uma lástima ficar com a ideia que a capacidade aforística de Pascoaes se concentra quase em exclusivo na sua prosa, e em particular na sua prosa final. Não é verdade! Salvaguardei já o carço doutrinário da primeira prosa de Pascoaes, que é riquíssima do ponto de vista da língua e não merece de modo nenhum ser havida como menor; há que dizer agora que o verso, quase todo o verso, obedece ao mesmo princípio evolutivo que encontramos na prosa, não havendo por isso diferenças essenciais entre prosa e verso na obra do autor. Bem andou Cesariny quando, na antologia magna que fez da obra de Pascoaes, *Poesia de Teixeira de Pascoaes* (1972; red. 2002), não distinguiu entre linha metrificada e linha corrida, tudo aceitando como *poesia*. Nesse sentido, escolhi dois versos de *Cânticos* (1925) e um de *Cantos Indecisos* (1921); muitos outros poderia ter recolhido, desse e doutros livros, caso houvesse espaço para me alargar. Acrescento aqui apenas mais um, tirado da terceira edição do *Sempre* (1915; poema «Amor Saudoso»), um dos mais emblemáticos livros de versos do autor: *Deus vive na Saudade, como outrora,/ antes de conceber a noite e a luz da aurora.*

Cabe ainda avisar que o aforismo de Pascoaes é antes de mais uma acção verbal. As máximas e reflexões do autor são produto dum poeta, não dum pensador. Dito doutro modo, Pascoaes não recorre à linguagem verbal para nos comunicar o que possa haver de anterior e informulado no (seu) pensamento; antes procura o pensamento no meio próprio da sua acção verbal, que é sempre ponto de partida e chegada. É por isso que o cogitar de Pascoaes resulta tão desconcertante como *ilegível*. E com *ilegível* quero apenas dizer que ainda hoje se desconhece, fora dum restrito círculo de leitores, o alcance desta actividade escrita. Mário Cesariny foi um dos que cedo percebeu – datam de 1950 os seus primeiros contactos com a obra do autor – a extraordinária importância do legado verbal de Pascoaes. Quando estava já na maioridade poética, aos cinquenta anos, e muito havia convivido com a poesia portuguesa do século XX, não hesitou

em declarar: *Teixeira de Pascoaes, poeta bem mais importante, quanto a nós, do que Fernando Pessoa* («Para uma Cronologia do Surrealismo em Português», in revista *Phases*, Paris, n.º 4, II S., Dezembro, 1973; rep. in *As Mãos na Água a Cabeça no Mar*, Lx., Assírio & Alvim, 1985).

Espero que esta selecta de aforismos possa mostrar a razão, melhor, a desrazão pela qual Cesariny exarou uma tal heresia. E mais não espero.

Resta-me só pôr à disposição do leitor os instrumentos que lhe permitam conferir e enquadrar – e até desenvolver – no corpo do texto original os trechos seleccionados (a que adaptei, em alguns casos, raros todavia, a pontuação). Traduzo assim de seguida as siglas que usei para identificar na selecção as citações de Teixeira de Pascoaes. Acrescento a edição usada, para dar ao leitor a possibilidade de cotejar a transcrição, que no caso indica sempre, depois da sigla, a página do extracto. Quando escrevo, por exemplo, [SP: 15], digo que o texto citado se encontra na página quinze do volume *São Paulo* na edição abaixo indicada (a segunda da Assírio & Alvim).

Eis a lista de siglas e edições.

- ASP *Arte de Ser Português*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1991 [red. 1993].
B *O Bailado*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1987.
C *Cânticos*. Porto, Empresa Industrial Gráfica, 1925 [há edição posterior nas *Obras Completas* da Bertrand (1969) e nas *Obras* da Assírio & Alvim, 2002].
CI *Cantos Indecisos*. Coimbra, Lumen, 1921 [há edição posterior nas *Obras Completas* da Bertrand (1969) e nas *Obras* da Assírio & Alvim, 2002].
DP *Duplo Passeio*. Porto, edição do autor, Tipografia Civilização, 1942 [há edição posterior nas *Obras Completas* da Bertrand (1975) e nas *Obras* da Assírio & Alvim (1994)].
EEL *Ensaio de Exegese Literária e Vária Escrita*. Lisboa, Assírio e Alvim, 2004.
HU *O Homem Universal e Outros Escritos*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1993.
LM *Livro de Memórias*. Coimbra, Livraria Atlântida, 1927 [há edição posterior nas *Obras Completas* da Bertrand (1972) e nas *Obras* da Assírio & Alvim (2001)].
N *Napoleão*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1989.
P *O Penitente (Camilo Castelo Branco)*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2002.
PL *Os Poetas Lusíadas*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1987 [recurso à *princeps* de 1919].
PT *O Pobre Tolo*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2000.
SA *Santo Agostinho*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1995.
SJT *São Jerónimo e a Trovoada*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1992.
SP *São Paulo*. Lisboa, Assírio & Alvim, 2002.
SS *A Saudade e o Saudosismo*. Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.
VE *Verbo Escuro*. Lisboa, Assírio e Alvim, 1999.

Dá-se o caso, como quando escrevo [HU: 172], de na aparência estar a citar *O Homem Universal*, estando na verdade apenas a citar texto que surge integrado na edição usada desse livro, no caso o importante texto da conferência *Pro Paz*, de 1950. É o que pode acontecer ainda em dois outros momentos: EEL (*Ensaio de Exegese Literária e Vária Escrita*) e SS (*A Saudade e o Saudosismo*), recolhas de textos vários, da responsabilidade do organizador (Pinharanda Gomes em ambos), pois o autor nunca antologizou livros assim intitulados. O segundo livro, *A Saudade e o Saudosismo*, tem em vários domínios deste meu trabalho uma importância crucial, pois recolhe parte substancial da prosa doutrinal publicada no quadro da Renascença Portuguesa.

Embora se tenha procedido a uma cuidada revisão desta edição de *Quem sonha é um lar aceso*, assim melhorada em relação à anterior, de 2010, pode ainda acontecer que algum dos extractos escolhidos não caiba, por erro de página, na identificação usada. Como quer que seja, a melhor forma de ler estes pensamentos e máximas é pôr de lado o cotejo erudito e tomar cada aforismo como conta dum fio ininterrupto, ao modo do que Mário Cesariny propôs na leitura dos por ele seleccionados *Aforismos* de Teixeira de Pascoaes.

António Cândido Franco

ÍNDICE

5	APRESENTAÇÃO António Cândido Franco
11	TEIXEIRA DE PASCOAES UMA CRONOLOGIA
19	I POESIA
29	II DEUS
59	III SANTIDADE
79	IV PALAVRA
91	V POETA
115	VI INFÂNCIA
125	VII SAUDADE
139	VIII MODERNIDADE
153	IX PORTUGAL
165	X IBÉRIA
179	XI MORTE
191	XII OUTROS

Há dois modos de escrever aforismos: ou por ordem expressa, logo os mostrando, ou de forma secreta, não visível, ocultando-os. Teixeira de Pascoaes é um escritor de aforismos ao segundo modo. Nunca escreveu um livro de aforismos, mas toda a sua obra, do verso à prosa, esconde nos intervalos asserções de pensamento com valor aforístico. Seja num diálogo dramático, seja num poema lírico em verso, seja num romance em prosa, seja ainda em qualquer outro texto mais ou menos identificável, nós deparamos sempre com essa frase explosiva de sentido, lapidada até ao osso, que faz a vez da concisão. O aforismo significa em simultâneo uma suspensão e um arranque, pois nele o pensamento concentra e expande, quer dizer, encontra a sua máxima expressão e ao mesmo tempo o seu esgotamento. É um clímaxe sem regresso e por isso representa na prosa de Pascoaes um momento de explosão e alívio. Sem momentos desses, o ritmo de Pascoaes não seria o que é de maravilha e excepção.

